



**Compartilhamento de informações e epistemologias da
comunicação: tensionando tentativa e acontecimento¹**

**Information sharing and communication epistemologies:
tensioning attempt and event**

Tiago Segabinazzi

Palavras-chave: Comunicação; Compartilhamento; Acontecimento.

1 Protesto expandido

Em um ano e meio, uma “cidadã comum do interior de São Paulo” postou mais de 10 mil mensagens em três grupos bolsonaristas, com informações falsas e “narrativas alternativas” ao noticiário político. Ela é uma das pessoas responsáveis por compartilhar conteúdos pró-governo, conforme monitoramento de Renato Ribeiro². Este fenômeno questiona a natureza do apoio que recebe Jair Bolsonaro: trata-se de uma aparente multidão construída por perfis maquínicos em redes sociais ou de um engajamento orgânico? Se um perfil automatizado é um avatar que simula um ser humano a compartilhar informações com seus contatos, a atuação mecânica de compartilhar grande volume de informações se assemelha a mecanizar um comportamento humano.

Um robô se “humaniza” por meio de “inteligência artificial”. Um humano se robotiza numa performance maquínica. Poderia ser um assunto para cibercultura ou para debates recentes sobre pós-humanismo e trans-humanismo, entretanto, o caso sugere

¹ Trabalho apresentado ao V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

² Mestre em Comunicação, conforme reportagem do The Intercept Brasil: <https://theintercept.com/2022/07/27/bolsonaro-cidadaos-comuns-robos-whatsapp/>. Acesso em 05 ago. 2022.



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

que a problematização está nas antigas teorias da informação, que se interessavam em maximizar os efeitos das mensagens sobre os receptores: a investigação mostra que esta militante, entre outros membros, serve ainda como “teste” para saber que tipo de postagens são acreditadas pela base bolsonarista e podem ser transformadas em narrativa engajável nas mídias sociais, como uma espécie de construção social alternativa da realidade.

Assim, entramos no debate epistemológico: *é, isto, comunicação?*

Imagem 1³



Esta pergunta devém não da possibilidade de haver ali uma estratégia de disseminação de informações falsas – numa hipotética submissão da comunicação

³ Captura de tela de vídeo em que bolsonaristas fazem gestos para tentar imitar uma máquina e repetem a frase “eu sou robô do Bolsonaro”. A performance pretensamente irônica foi realizada em 26 de abril de 2018, após reportagem da revista *Veja* revelar o uso de perfis automatizados para impulsionar mensagens de apoio ao presidente e notícias falsas contra adversários. A intenção dos militantes era demonstrar que se tratava de um engajamento orgânico, não um impulsionamento automático. A programação da época incluía suporte ao então ministro da Justiça Sérgio Moro, como se vê na camisa de um dos membros. Disponível em: <https://museudememes.com.br/collection/robos-do-bolsonaro>, Acesso em 05 ago. 2022.



àquilo que é lastreado no factual –, mas se dirige à natureza deste ato de “compartilhar” informações: sendo, assim, mecânico, estratégico, político, é comunicacional?

[...] comunicação não é uma ação passiva no sentido de um compartilhar, um repassar, um transferir alguma coisa, mas um tipo de vivência, uma experiência, um acontecimento, uma imersão [...] comunicação seria essa coisa que faz com que a pessoa não saia da mesma forma como entrou, que nela ocorra algum fato que tenha a possibilidade de alterá-la, ela promove uma transformação (Marcondes Filho, 2019, p. 19).

Esta perspectiva sugere que não.

O *acontecimento comunicacional* pode ocorrer em “qualquer circunstância” – desde que sejamos tocados pela experiência que vivenciamos, conforme Ciro Marcondes Filho (2019, p. 21): “Se nós saímos absolutamente inatingidos por isso, se nada aconteceu conosco, eu diria que não houve comunicação, nada nos fez pensar”. Trata-se da primeira tese da *Nova teoria da comunicação*. Este critério – de que a comunicação, *quando ocorre*, nos arranca da mesmice – é seu argumento central, que desemboca nas seguintes considerações – de que a comunicação:

- 2) passaria pela nossa produção de sentido, quando novos arranjos se produziram e a passariam a nos constituir e nos alterar;
- 3) é um *fenômeno* que pode ser produzido pelo *ambiente* cultural⁴ em nós;
- 4) faria com que sentíssemos seu impacto para além do sensorial, alterando nossa visão de mundo, nossa existência;
- 5) não se trata de fazer parte de um “transe coletivo”, ou de uma comunhão social.

Baseada nas teorias do Acontecimento⁵, a comunicação seria um *fenômeno*, que passa pelos momentos⁶ de 1) percepção daquilo que nos atinge, 2) pelo incômodo que

⁴ Cultural no sentido de que passou por modificação do ser humano. O humano pode não estar presente num fenômeno de comunicação enquanto agente, mas sua marca – sua intenção – foi depositada por meio de sua obra deixada na arquitetura, nas ruínas, na história, etc.



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

isso nos causa e 3) pelo momento em que haveria o testemunho desta alteração da existência que o processo comunicacional proporcionaria na criação de um objeto – como um filme, uma música, uma expressão, enfim –, que reiniciaria o círculo da comunicabilidade.

A posição de Marcondes Filho (2011; 2019; 2020) é um dos eixos de tensão que move o debate epistemológico no campo da comunicação. Para Braga (2010), há ali demasiada ênfase na comunicação “eu-outro” e exclusividade naquela que “for bem-sucedida” – conforme o grau de mudança interna assinalado em suas proposições. O que restariam dos demais processos interacionais – não seriam comunicação? Sua crítica à Giro entende que a comunicação é tentativa – “algo relativamente previsível pode ocorrer” – e incerta – não há precisão no “sucesso comunicacional”. Não se poderia dizer que “ocorre ou não”, numa postura tudo ou nada, pois haveria uma dimensão contínua com vários níveis de atingimento.

[...] comunicação não é só aquela de valor alto, do sucedimento precioso e raro – mas toda troca, articulação, passagem entre grupos, entre indivíduos, entre setores sociais [...] Comunicação é o processo voltado para reduzir o isolamento – quaisquer que sejam os objetivos e os modos de fazer (Braga, 2010, p. 69).

A comunicação pode acontecer em algum lugar entre o sucesso total e o fracasso total. Esse caráter tentativo e impreciso é argumentado a partir da utilização e atualização da linguagem⁷. Para Braga, apesar do código prevalecer na linguagem, os códigos nem tudo representam, e precisamente por isso é que a sociedade os atualiza por meio de *processos inferenciais*. O abismo existente entre o que se quer comunicar e

⁵ O acontecimento é algo de brutal e inesperado que irrompe na linha histórica e causa uma alteração no estado das coisas (Dias, 2012); afeta pessoas e assim é que ele é percebido enquanto tal (Queré, 2008).

⁶ Tais momentos coincidem com a perspectiva semiótica do acontecimento, conforme Henn (2010).

⁷ Este é justamente um dos pontos em que Giro entende “não haver comunicação”, pois por ali nada se comunicaria a não ser a própria linguagem acionada; a realidade seria representada por uma estrutura que comandaria o discurso: seria um sistema autônomo.



o que é comunicável pelo código é preenchido com mais inferência, não mais código.

Essas *inferências abduativas* – tentativas – preenchem o hiato entre o representável.

[...] a comunicação não é feita só de acionamento de códigos – mas envolve, estruturalmente, uma parte de inferências abduativas, não calculada em abstrato e não totalmente calculável nas situações concretas (Braga, 2010, p. 76).

O caráter extralinguístico seria para Braga (2015) o “grau zero da comunicação”.

A imprecisão força o código a ser renovado a partir da interação humana – que precederia a linguagem. Nesta *intenção* já estaria a comunicação e o ruído seria característica estrutural. Ambos concordam que não se pode saber o que o outro entendeu⁸. O principal desacordo entre eles está *no que é considerado comunicação*.

À consideração de Braga (2010) quanto ao caráter tentativo e impreciso do processo, marcado por tentativa e erro, Marcondes Filho (2011, p. 177) treplica e insiste que a comunicação não é um gradiente: “Ela é ou não é, e este é um critério radical. Ou é sucesso total ou é fracasso total; ou ela acontece ou não acontece [...] não depende de nós, depende dela mesma”; por isso, para ele seria um fenômeno raro.

A comunicação como *tentativa* ou como *acontecimento*: com quem concordar?⁹

– O problema em tentar definir *o que é a comunicação* está em rejeitar processos comunicacionais diferentes do modelo escolhido, ou considerá-los como inferiores.

Estas ponderações após o travessão vêm do professor Jairo Ferreira, que trago em forma de personagem para continuar¹⁰ o diálogo sobre estas questões. Reconstruirei

⁸ Não se pode entender o que o outro pensa ou o que o outro entende, pois o que é vivido é algo interno, não pode ser transmitido a outra pessoa: ela entende de forma totalmente distinta; o que é possível de ser comunicado seria somente o que a linguagem permite – logo, não seria comunicação efetiva para Marcondes Filho (2019; 2020). A tese de Braga (2010; 2015), entretanto, se assenta na tentativa do participante como uma expressão de quem já quer obter uma interpretação coerente com o ponto de partida da mensagem – esta interação, esta intenção, já seria, para ele, comunicação.

⁹ Evoco aqui uma certa imagem de consenso que a ciência já teve, que poderia ser traduzida nesta passagem de Peirce (2008, p. 16): “[...] o método deve ser tal que a última conclusão de cada homem será a mesma. Tal é o método da ciência”.



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

suas palavras conforme anotações que fiz na disciplina de Epistemologias da comunicação, do doutorado da Unisinos. São, portanto, falas *fictícias*: guiadas pela verossimilhança necessária na criação de um figurante, salvaguardadas pela *pertinência* lógica que guia todo pensamento científico.

– Epistemologicamente, importa mais *o que é dito* do *quem diz*.

Um dos obstáculos para a formação de uma episteme própria está na forma de desenhar a comunicação. Considerá-la *algo que deriva de outros campos* – a política, a o mercado, a guerra –, que a usariam como acessório para seus próprios fins, ofusca o que de estritamente comunicacional pode haver ali. Preocupado com isso, Braga (2015, p. 3) tenta tirar a comunicação deste lugar de epifenômeno de outros processos sociais – estes seriam inviáveis sem a comunicação humana: “A perspectiva aqui avançada é a de que as regras, os padrões, as repetições, os códigos – as linguagens – que conformam historicamente todos os processos sociais são comunicacionalmente elaborados”.

A hipótese de Braga (2015, p. 13) é que o grau zero da comunicação estaria naquilo que permite a invenção social: “A imitação, como competência biológica humana, justamente não assegura regularidade – é apenas uma espécie de código rudimentar compartilhado, sobre o qual ajustes variados são necessariamente feitos”. Imprecisão, novamente, que determina a invenção necessária para preencher as lacunas dos processos sociais que dali derivarão.

– Por isso que os alunos tremem quando é o Zé¹¹ que pergunta “o que de comunicacional tem a tua pesquisa?”.

A argumentação de Braga, porém, parece ter alguns problemas.

Se concordarmos que a comunicação é esta tentativa – baseada na capacidade biológica da imitação – interacional, perceberemos que se trata de um impulso, de uma

¹⁰ Um debate importante para a ciência e para a sociedade não pode simplesmente ser descontinuado.

¹¹ É como Jairo se refere a José Luiz Braga.



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

vontade, de uma intenção. Se a ideia é não fazer da comunicação mero acessório de outros processos sociais, cabe ainda insistir: de onde vem essa intenção, esse impulso, essa vontade, essa tentativa de comunicar?

Com a licença poética – invadir a metafísica –, poderíamos cogitar o momento ancestral em que processos sociais ainda não consolidados foram criados *pela e na* comunicação: caçar um mamute, se proteger de um perigo. Ora, novamente a comunicação seria derivativa de algo que lhe seria anterior. A tentativa interacional não seria autônoma, mas motivada – novamente, acessória. Ou teríamos que pensar na interação pela mera interação. Pinturas rupestres, sem intenção, seriam “a arte pela arte”. Ora, quem comunica, algo intenciona. Logo, haveria algo anterior ao impulso interacional – que o recolocaria como epifenômeno.

Além disso, a capacidade de imitação é permitida pela biologia, esta biologia foi cultivada ao longo da evolução. O cérebro e sua capacidade de simbolização foi aumentado ao longo do tempo, tanto por aquilo que motivava a espécie quanto aleatoriamente...

– É importante buscar questões fundantes, mas esse terreno já não é nosso. E talvez essa busca vá parar na poeira das estrelas.

De acordo, Jairo. Voltando à lógica, a argumentação de Braga (2015, p. 4) ainda parece ser uma *aposta*: “Dada a premissa ‘sem comunicação não há sociedade’, não podemos tomar nenhum processo já social como ponto de partida”. Poderíamos inverter a premissa e cogitar *comunicação sem sociedade*? O humano extrassocial? Para Braga, a comunicação se inscreveria um instante antes do restante – ali está sua aposta. Se a comunicação é também dependente, parece mais verossímil pensar que os processos, inclusive o interacional, sejam todos epifenomênicos, contemporâneos uns dos outros.

Porém, isso nos leva a concordar que, a partir do grau zero da comunicação, os processos sociais se fundam, se não *a partir da*, ao menos *com a* comunicação – nessa suposta coemergência. Podemos imaginá-los se organizando autonomamente num



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

movimento sintrópico¹², como se de uma mesma massa cinzenta as cores se distribuíssem numa paleta para depois se recombinarem no quadro social.

– Então tu fica com a perspectiva do Zé?

De certa forma, com ambos. A argumentação do Braga implica reconhecer que esta *tentativa* é, nos termos de Ciro, um *acontecimento* por excelência – até mesmo no nível filosófico, pois as coisas não restam iguais após sua aparição. O fenômeno comunicacional conteria a interação social. Esta tentativa é um acontecimento.

De volta ao início, o ato de compartilhar informações no apertar de um botão não parece se tratar de comunicação: não exatamente por não se tratar de um acontecimento transformador nos termos de Ciro ou por não se tratar de intenção anterior ao código, mas *por não ser um impulso tentativo em direção ao outro*, como compreende Braga – e sim um impulso em direção ao *mesmo*. O encontro com o outro seria motivo de confronto entre sistema de valores. Seria o caso de apenas cumprir o programa maquínico-linguístico previamente desenhado de cada mídia social, como energia acionada para mover os códigos calculados – materialmente, por meio das redes, e politicamente, pelos acionadores. Compartilhar informações com quem já concorda com elas poderia ser tratado nos termos de doutrina ou política.

Entretanto, ainda assim pode ser um problema comunicacional: há um resultado de uma ação como essa: uma ambiência¹³.

¹² Ou “negativamente entrópico”, como diz Flusser (2013, p. 93): “A comunicação humana é inatural, contranatural, pois se propõe a armazenar informações adquiridas. Ela é ‘negativamente entrópica’”.

¹³ Esbocei isto, de outra forma, em trabalho anterior: “Naquele velho esquema, comunicação é passar uma mensagem de um lado para o outro visando a obter *eficiência*, que poderia ser verificada e medida a partir dos efeitos gerados pelas lógicas da intenção: quanto menos ruído, menos perdas – uma busca por correspondência cristalina, transparência, entre emissor e receptor. Mas até que ponto a noção de canal, por onde as mensagens *passam*, não poderia ser pensada como *barreira*, onde a comunicação encontraria um obstáculo? Até que ponto a comunicação não é, também, interferência?” (Segabinazzi, 2021, p. 198).



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

Para Marcondes Filho, o acontecimento comunicacional pode ocorrer não apenas na interação eu-outro, como criticou Braga, mas também no contato eu-ambiente – desde que seja um ambiente com a marca do ser humano: a arquitetura de uma cidade, por exemplo. Um acontecimento natural, como um terremoto, não seria comunicacional pois, para Ciro, não é um agente interessado em comunicar; seria preciso da marca humana para tal.

O compartilhamento em massa de informações pode ser considerado uma ambiência comunicacional. Mesmo que não seja endereçado a um determinado “outro”, quando ganha exposição suficiente, pode aparecer para este “outro” e se tornar um acontecimento comunicacional¹⁴. É possível pensar na comunicação como um fenômeno, como um acontecimento e a interação pode provocá-lo. Por falta de espaço, esta argumentação será abreviada, mas a pesquisa não será interrompida, nem descontinuada.

Referências

SEGABINAZZI, Tiago. **Facada News**: pós-verdade e notícias falsas no Twitter em torno do atentado a Bolsonaro. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2021.

BRAGA, José Luiz. Nem rara, nem ausente - tentativa. **MATRIZES**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 65-81, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38276>>. Acesso em: 07 ago. 2022.

BRAGA, José Luiz. O grau zero da comunicação. **E-Compós**, [S. l.], v. 18, n. 2, 2015. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1161>>. Acesso em: 7 ago. 2022.

DIAS, Sousa. **Lógica do acontecimento**: introdução à filosofia de Deleuze. Lisboa: Documenta, 2012

¹⁴ Como diz Queré (2008): o acontecimento é quando socialmente sentido.



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

HENN, Ronaldo. O acontecimento em sua dimensão semiótica. In: BENETTI, Márcia; FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira (Org). **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010.

MARCONDES FILHO, Ciro. A questão da comunicação. **Paulus** - Revista de Comunicação da Fapcom. São Paulo, v. 3, n. 5, jan./jul. 2019 (p. 17-26). Disponível em: <<https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/87/81>>. Acesso em 05 ago. 2022.

MARCONDES FILHO, Ciro. Duas doenças infantis da comunicação: a insuficiência ontológica e a submissão à política. Uma discussão com José Luís Braga. **MATRIZES**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 169-178, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38314>. Acesso em: 7 ago. 2022.

MARCONDES FILHO, Ciro. Reabilitando o Positivismo: Francisco Rüdiger “critica” a Nova Teoria da Comunicação. Mas não impunemente. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 278–307, 2020. DOI: 10.29146/eco-pos.v23i3.27646. Disponível em: <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27646>. Acesso em: 7 ago. 2022.

MARTINO, Luiz Cláudio. As epistemologias contemporâneas e o lugar da comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. (p. 69-101).

PEIRCE, Charles Sandres. A fixação da crença. In: **BOCC** – Biblioteca Online das Ciências da Comunicação. Tradução de Anabela Gradim Alves, 2008 (23p.). Originalmente publicado em *Popular Science Monthly* 12, nov, 1877. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/peirce-charles-fixacao-crenca.html>>. Acesso em 05 ago. 2022.

QUERÉ, Louis. Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento. In: **Trajectos** – Revista de comunicação, cultura e educação. n. 6, primavera 2008 (p. 59-75).